

Pesquisa FAPESP nº 2021/04556-0
ENTREVISTA COM A5
Cidade: Araraquara (São Paulo, Brasil)
Entrevistado: A5, 40+ anos, ativista social e secretário do executivo
Entrevistador: Rodrigo Sartori Bogo
Local de realização da entrevista: Sede da Secretaria de Participação Popular e Direitos Humanos, sala de reuniões

TRANSCRIÇÃO

Entrevistador (Rodrigo)

- A5, a primeira coisa seria só que como a gente tem... enfim, pesquisa de caráter científico, tem comitê de ética envolvido, então só preciso, mais pela burocracia mesmo da pesquisa, da tua parte uma autorização gravada. Então só ter o nome completo e falar que você autoriza a gravação.

A5

- Sim. Meu nome é A5 e eu autorizo a gravação.

Entrevistador

- Perfeito. Então, a primeira parte, acho que a parte mais importante é delimitar, explicar o que é a minha pesquisa, o que eu estou tentando e acho também que isso te ajuda com a(s) resposta(s), para você ver quais são os meus objetivos. Então, eu faço o doutorado na UNESP de presidente prudente, no programa de pós-graduação em geografia, e eu estou estudando quais são os impactos dos orçamentos participativos em cidades médias. Então eu estou fazendo comparações entre cidades de tamanho similar à Araraquara, Maringá é um outro exemplo, estou estudando outras duas cidades fora do Brasil, para ver como que se dá os resultados dos OPs no território, no espaço das cidades. E essa pesquisa está vinculada com uma pesquisa maior, que é um projeto da FAPESP, chamado Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira, que nós estamos vendo as mudanças e as diferentes transformações que as cidades no Brasil passaram, cidades médias mais especificamente, passaram nas últimas duas décadas no Brasil. Teve muitas transformações, especialmente com o programa 'Minha Casa, Minha Vida', condomínios fechados, etc. E eu vejo o OP nesse cenário, nesse contexto em que há uma mudança das cidades brasileiras e ele como instrumento de gestão urbana que interfere nisso. Então, para começar a entrevista, eu gostaria que tu falasse um pouco mais sobre a tua trajetória profissional e pessoal, até chegar na secretaria, enfim, o que te trouxe até aqui.

A5

- Sim, vou procurar resumir bastante, porque eu venho de uma juventude que conhece política pública e partidária na igreja católica, na comunidade eclesial de base. Eu sou da periferia lá de Piracicaba, então ali a gente acaba tendo uma base muito sólida no que tange essa questão de humanismo [em] primeiro lugar e depois a questão política. Então, o que eu falo, as pessoas perguntam "mas você é petista desde quando?". Desde quando eu me reconheço um cidadão, um cristão, que foi ali que eu aprendi o que é política de fato, de verdade. E ajudar política em uma atuação transformadora na sociedade e na vida das pessoas. Então, dali eu enveredei para o seminário, acabei não sendo padre, mas tive minha formação de filosofia e teologia, junto ali a comunidade, era uma das mais periféricas da cidade, o berço do PT também lá. Então ali onde a gente teve um... é o maior colégio eleitoral ali onde a gente morou, então assim teve vários fatores que interferiram diretamente nesse processo formativo que hoje eu olho

para trás e vejo como isso de fato ajudou bastante, não foi coincidência. Foi uma questão assim, de fato, vocacional, missionária que a gente tem hoje quando cidadão. Então, aí depois eu deixei a igreja, eu fui trabalhar, graças a deus fui convidado por Dom Mauro Morelli para trabalhar no combate à fome e à miséria, um dos grandes ícones junto com o Betinho no combate à fome e à miséria... ele teve então a necessidade de compor uma equipe técnica no conselho estadual, na época o governador era o Geraldo Alckmin, ele queria integrar, criar as comissões regionais de segurança alimentar e a gente foi. E aí eu percebi que a missão da gente não era combater à fome e a miséria, mas não dentro da igreja, mas na sociedade, na formação de conselhos municipais, com comissões regionais, envolvendo as cidades, os municípios, e a gente saiu por aí implantando as trinta comissões regionais do estado e cinco na capital. Então isso foi importante também para que eu pudesse entender que a missão da gente enquanto ser humano era para além da igreja, mas enquanto sociedade, nessa perspectiva social da participação popular e assim por diante. E depois lá... eu vou trabalhar pelo Instituto [incompreensível], a gente faz trabalhos na Itaipu Binacional, a Tríplice Fronteira, várias ações... no nordeste pernambucano, no agreste pernambucano também, algumas ações no campo da segurança alimentar e depois a eu vou para a prefeitura de Mauá, no ABC Paulista também e lá eu vou trabalhar com João Carlos que me convida para trabalhar também na Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional e lá aprendi bastante também com o João, eu acho que tanto Dom Mauro quanto o João, eu me sinto um discípulo deles que são pessoas que, o João trabalhou o abastecimento na gestão da Erundina em São Paulo, em 1989. Mas lá no ABC ele que implementou a política em Santo André e em Mauá. E aí, de lá a gente vai para a gestão do prefeito Fernando Haddad em São Paulo [2013-2016], a convite de um coletivo, porque a gente também nesse meio tempo integra o setorial estadual de segurança alimentar e nutricional do PT paulista e a gente então vai para esse desafio lá na cidade. Lá a gente consegue de alguma forma institucionalizar essa política pública, lança o primeiro plano, o primeiro plano municipal de segurança alimentar nacional e realiza uma das maiores conferências de segurança alimentar com mais de 1.200 delegados da capital toda. Então a gente fecha esse ciclo e depois vem a convite do prefeito Edinho [Silva] aqui para Araraquara em 2017, na pauta da segurança alimentar também, que é minha trajetória no combate à fome e à miséria há mais de 20 anos. E aí de 2017 a 2020 eu cumpro mais ou menos o mesmo papel que fiz em São Paulo aqui, no processo de institucionalização, muito embora tanto aqui quanto em São Paulo houvessem equipamentos públicos já criados nesse campo, mas a institucionalização, a organização, a adesão ao sistema nacional, a adequação do conselho à luz da legislação federal, a criação da câmara intersecretarial, a realização das conferências... por exemplo aqui nós realizamos a primeira conferência de segurança alimentar em 2018, né? Nós chamamos o então hoje ministro [Alexandre] Padilha, a Patrícia Jaime, que também é uma grande referência da USP nesse campo, para a gente fazer, ajudar a construir de fato uma política forte e firme de segurança alimentar. De 2020 a 2022 eu fiquei na proteção básica da assistência social, junto, que também dialogava diretamente com a segurança alimentar enquanto coordenador e de 2023 para cá, começo do ano passado, o prefeito me convida para ser secretário de direitos humanos e participação popular, que era um grande desafio também do governo, que era dar continuidade às ações e concretizar algumas ações no que tange as políticas públicas. Mas em especial algumas que são muito específicas do governo e uma

delas é a participação popular, né? Então, a gente assume, toca o ano todo de orçamento participativo, nas regionais, nas temáticas, e outras pautas que têm na secretaria. São cinco coordenadorias e várias assessorias e programas que estão vinculados, mas o orçamento participativo e os conselhos municipais com uma grande prioridade enquanto opção de governo mesmo. Então a gente realiza essas ações e depois, agora esse ano a gente faz um balanço desses oito anos de participação popular, para que a gente possa deixar para o próximo período algumas questões mais claras e estabelecidas por lei. Para que as coisas fiquem mais adequadas e melhor no que tange várias frentes, estrutura, orçamento, quando ou não realizar as plenárias, quando de fato fiscalizar e acompanhar, monitorar desde a elaboração dos projetos até a concretização, a entrega da obra ou programa que foi demandado pela população. Então é um pouco esse cenário que eu vivi e tenho vivido até hoje, e claro, a partir do mês que vem a gente vai entrar no período eleitoral, então a gente também tem compromisso, uma dedicação no processo de fazer a sucessão aqui, tendo em vista um projeto que está dado na sociedade e o contraponto disso que é um retrocesso extremo e que a gente não quer deixar que isso venha de encontro ao município, né? Então por isso a gente quer trabalhar com as ações das políticas públicas sociais para fazer esse enfrentamento e fazer a sucessão para que a população tenha cada vez mais qualidade de vida e avance na conquista de seus direitos.

Entrevistador

- Perfeito. Então tu chegas em Araraquara em 2017? - **2017.** - Interessante. E, claro que a tua função como secretário é fazer toda essa coordenadoria, toda essa gestão de tudo que ocorre dentro da secretaria que... você falou, são 5 coordenadorias, né? - **Isso.** - Mas em relação ao orçamento participativo mais especificamente, que é meu objeto de pesquisa, quais são as principais funções que você pega nesse processo e como que está teu vínculo a ele diretamente?

A5

- Então meu vínculo ele é direto e objetivo. Então a gente... houve também nesse, de 2017 a 2020, nós tivemos apenas uma coordenação, que hoje é o atual vereador A6, que foi coordenador durante esses 4 anos que foram extremamente importantes e estruturando esse orçamento participativo na cidade. E de lá para cá nós tivemos algumas mudanças, né, nós tivemos aí 3 coordenadores durante esses 4 anos. Então assim, claro, cada qual com seu perfil, sua forma de lidar, mas o mote, o objetivo, a diretriz sempre foi a mesma que a gente buscou trabalhar. E aí é quando a gente vem para cá, vem meio que realmente com frio na barriga porque sabe da extrema responsabilidade de tocar uma pauta que é nevrálgica no governo e ela é prioritária e a gente precisa dar vazão nela a partir daquilo que tem, que tem sido traçado, a partir da metodologia, das ações, da organização que o governo sempre teve e tem dado para essa pauta.

Entrevistador

- E nesse processo, quais têm sido os maiores desafios e dificuldades que você tem presenciado em relação ao OP?

A5

- Olha, eu penso assim, que os desafios são quando a gente percebe que poderia ter uma participação mais ampla da população, muito embora a gente tenha tido um público recorde nesses últimos anos, né.

Entrevistador

- 2023 foi bem forte.

A5

- Foi um ano assim, eu acho que foi uma colheita do plantio desses anos anteriores, sabe? Que é fruto dessa... como eu falei, de todos esses atores que coordenaram, como você falou, eu sou secretário, então o coordenador, a coordenadora, está 24 horas trabalhando várias frentes, não só o OP, não só os conselhos, mas toda a mobilização de ações do governo, que a gente realiza diariamente mais de uma. Então tem toda essa frente para se trabalhar. E os avanços eu penso que é essa conscientização por parte da população, principalmente a população mais pobre, a população que mais precisa, em participar. Muitas vezes não tanto daquela forma que a gente gostaria, com plena consciência, tudo mais, mas de algum modo, sabendo muito bem naquele... na perspectiva do saber, da educação popular do Paulo Freire, que são pessoas que estão lá para demandar aquilo que de fato lhe falta, aquilo que de fato vai ser importante para melhorar a vida na comunidade, a vida do bairro, a vida da cidade, né? Então eu acho que esse olhar o governo sempre teve e tem tido muito pautado pela equidade.

Entrevistador

- E uma coisa que eu percebi é que, pelo menos nessas plenárias, porque essas na verdade não são plenárias, é um ciclo de conferências, eu participei da primeira, eu consegui participar de duas.

A5

- Ah, tá, nessa de avaliação.

Entrevistador

- Isso, nessa de avaliação, infelizmente não consegui acompanhar no ano passado o processo. - **Você foi na abertura?** - Fui, fui. Estive na abertura e eu estive também no dia 18 e 19, na Oeste e no Centro. E vou assistir hoje a última. Eu percebi que tem alguns debates acerca do próprio... de alguns elementos do desenho, assim, essa ideia de transformar em bianual, por exemplo, ou modificar alguns elementos ali, o limite orçamentário e algumas coisas. E podes me falar um pouco sobre isso, sobre essa...

A5

- Sim, é importante a gente debater isso na sociedade, foi o motivo pelo qual a gente chamou para esse balanço e essa reestruturação, reordenamento e reorganização, para que as pessoas entendam também, pedagogicamente, que o município ele não tem um caixa que você abre e sai dinheiro pra tudo que é

lado, você não planta dinheiro também. Então, o município ele tem um orçamento e ele precisa ser organizado metodologicamente também nesse sentido, para que as pessoas, como a gente falou, entendam que tem que ter um teto, tem que ter um limite, porque senão fica difícil de você conseguir fazer uma gestão efetiva sem ter esses parâmetros mínimos. E aí, um deles é colocar no primeiro ano e no terceiro ano a realização das plenárias, das subregionais, das regionais e das temáticas; e nos segundos e quartos anos dos governos, a gente fazer o acompanhamento, monitoramento, desde a elaboração do projeto até depois a inauguração e execução da obra ou programa, né. Nas temáticas a gente tem tentado mostrar que elas hoje já têm seus equipamentos muito bem definidos e claros e que agora elas demandam um recheio muito mais substancial, com programas efetivos, programas que vão dar base, programas que vão dar elementos para emancipações das mais diversas áreas. Então, com vistas a cidadania plena dessas pessoas. Então, a gente pensa que as temáticas hoje elas precisam ser mais focadas em programas do que em obras. As regionais já não, já são diferentes, né? Que a dinâmica da vida das pessoas no campo regional e nos bairros é diferente, um pouco disso que já foi conquistado pelas temáticas.

Entrevistador

- Sim, e do ponto de vista institucional, desde 2017 o OP está aqui dentro da Secretaria? - **Isso.** - Esse desenho é o mesmo?

A5

- É, esse desenho é o mesmo.

Entrevistador

- Tá. E você falou de uma parte importante que é essa, esse peso entre os programas e as obras, né? Como são os investimentos do OP hoje em termos de quantidade e de qualidade?

A5

- Você fala como ele é feito? As pessoas escolhem a obra mais votada, o programa mais votado e é decidido por unanimidade, pelo coletivo. E aí a gente corre atrás, o prefeito corre atrás. Se tem orçamento executa, se não tem busca convênio, se não tem busca emenda, busca parceria, né. E graças hoje a termos um governo federal que tem atuado muito no campo republicano, eu penso que tem ajudado muito, principalmente prefeituras que se tornaram uma grande referência como a aqui em Araraquara. A gestão do prefeito Edinho Silva é uma gestão que tem se tornado referência para várias áreas, em especial a participação popular, inclusive muitos municípios, muitos gestores até fora do estado de São Paulo, pré-candidatos no pleito municipal tem procurado, vindo, conhecer, beber um pouco dessa fonte inspiradora que são essas políticas públicas sociais. Não que seja, nós sejamos 100% bons, né? Mas o que eu digo é que assim, tem sido e foi um contraponto muito importante desde 2017, à luz da destruição que houve, que começa com o golpe da presidenta Dilma e vai se intensificando... Michel Temer, [Jair] Bolsonaro, etc. Então, isso acabou e Araraquara sempre se manteve com recurso

próprio e tudo mais, com ações que enfrentaram de fato essa destruição que foi feita nas políticas públicas sociais, principalmente participação social e popular. Onde nada mais funcionava, aqui continuava funcionando e tendo conferências, tendo conselhos e assim por diante. Então, por isso que eu falo que foi um grande contraponto a essa destruição.

Entrevistador

- Você vê o orçamento participativo como uma política pública?

A5

- Claro! Ela é uma política pública na veia, é uma política pública em movimento, o tempo todo.

Entrevistador

- Perfeito. E você pincelou uma coisa que eu ia perguntar que é acerca da participação das pessoas mesmo. Qual que é a tua percepção sobre como ela se dá aqui em Araraquara, em relação a quantidade de pessoas nas plenárias e também a qualidade dessa participação?

A5

- Você fala do OP? - **Isso, no OP.** - Então, eu acho que é importante, as pessoas elas vão já com muita clareza do que elas querem. Então quando você passa a proposta que sai da subregional, na regional as pessoas já sabem muito bem que elas têm que ir lá para fazer a disputa voto a voto daquilo que vai ser a grande prioridade. Seja uma escola, um posto de saúde, uma quadra de esporte, ou a Casa do Hip-Hop, como foi na [plenária] da juventude. Então, assim, cada qual vai buscar, de fato, aquilo que vai ser... vai contemplar a sua demanda de forma efetiva. Então eu vejo que é, as pessoas vão e participam mesmo, a nossa plenária da cidade o ano passado entupiu o local, de tanta gente que tinha. Foi assim, não tinha mais onde as pessoas entrarem. Muitas ficaram para fora, claro que com seu cartão de votação, mas o local ficou pequeno, né? Então isso também foi muito simbólico para nós no que tange a participação das pessoas e a presença.

Entrevistador

- Legal. E você acha que o OP ele promove integração entre diferentes classes sociais?

A5

- Olha, eu não sei se promove integração, mas eu tenho certeza de que atende a classe social que mais precisa e que é a classe que a gente tem buscado priorizar e trabalhar, que são os mais pobres.

Entrevistador

- Você acha que a população mais pobre e periférica tem se beneficiado mais do OP?

A5

- Não sei se... não, com certeza! Inclusive são os que mais participam das plenárias. Que mais demandam, que anseiam, que buscam, mas a ideia é que eles de fato conquistem aquilo que seja uma necessidade mesmo, né? Então, por isso que ele é, eu penso que o OP é democrático mesmo. Então tem que ver o que é... e ninguém melhor do que a própria população para decidir o que é melhor para ela.

Entrevistador

- A partir disso, você acha que existe uma inversão de prioridades a partir do orçamento participativo? Por prioridades eu quero dizer, por exemplo, as prioridades da prefeitura saírem no centro à periferia ou a decisão política sair, digamos, dos 'cabeças brancas' em direção ao povo? Você vê isso acontecendo aqui em Araraquara?

A5

- Sim, eu vejo. É assim, é uma cidade com essa cultura de participação muito diferente das outras que a gente conhece ou que até já passou. Então há uma cultura, há uma lógica, há uma vivência, sabe, que tem dado o tom da política na cidade. Não a política partidária, mas a política enquanto campo de participação e de transformação social. Acho que isso fica muito claro aqui.

Entrevistador

- E que tipo de projeto que recebe mais investimento ou que é mais demandado pela população?

A5

- Você fala do OP? - **Isso.** - Então eu acho que vários deles... depende muito de quanto custa cada um, mas tivemos os primeiros anos onde a educação, a saúde e depois mais tarde a assistência social foram definidas como prioridades e nessa mesma ordem, educação, saúde e assistência, são os campos que mais tivemos demanda nos últimos tempos. Então esses primeiros anos as escolas, até pela participação e grande parte das plenárias são realizadas nas escolas, então por um lado a comunidade escolar também já tem uma certa vantagem, de ter essa realização lá. Mas como o OP também veio para ficar, as pessoas entenderam que tudo bem, escolhe lá a escola, a escola ganhou, mas na próxima vai o posto de saúde, próxima vai a construção do CRAS, assim por diante.

Entrevistador

- O que que tem aparecido na assistência social assim, com frequência?

A5

- CRAS [Centro de Referência de Assistência Social], Centro DIA do Idoso... que é tudo aquilo que a gente olha e consegue já enxergar como perspectiva de política pública que precisa avançar com equipamento. Então o CRAS que cada território periférico precisa ter um, né, seja ele aqui ou acolá. Mas o Centro DIA do Idoso, que Araraquara é cidade que tem envelhecido mais do que outras no estado de São Paulo, junto com outras cidades, mas ela puxa um pouco essa questão de envelhecimento, então esse olhar

para o idoso também tem sido uma preocupação e é por isso que saíram. Tem a reforma do atual e a construção de mais dois centros DIA do idoso, no campo da assistência.

Entrevistador

- Uma coisa que eu tenho visto em outras entrevistas, inclusive em debate em conferências, é a imigração, a presença de muitos imigrantes aqui em Araraquara. Isso tem aparecido como uma demanda ou existe alguma discussão para, por exemplo, criar uma plenária dos imigrantes, uma temática, desculpa?

A5

- Não, então, na verdade, os imigrantes eles têm aparecido, por exemplo, porque a nossa cidade ela tem sido uma cidade acolhedora. Nossa cidade foi a primeira cidade a aderir ao programa nacional... agora eu vou me recordar o nome, mas eu tenho depois para a gente pegar com a Renata [Bratfisch], que a nossa coordenação de direitos humanos tem fomentado muito a participação e organização dos imigrantes e refugiados aqui. Então a gente tem atuado nessa frente também dentro da nossa secretaria, o que faz com que esses imigrantes tenham e perpassem as outras políticas públicas sociais. E aí o que acontece? A gente não criou uma temática de imigrante, mas ao mesmo tempo hoje, a partir da lei sancionada no final do ano passado, dia 22/23 de dezembro, todos os programas municipais de acesso, de inclusão, foram adequados para atender os imigrantes também. Porque muitos deles tem prazo, tem periodicidade de ano, tem que morar na cidade, tempo mínimo, e aí o que que a gente adequou... então o imigrante ou refugiado, ele não é visto por esse prisma, então todos eles, a partir do momento que é comprovado, tem acesso direto a todos os programas sociais, inclusive locação social, o PIS, o Bolsa Cidadania, Cesta Básica, a inclusão na rede de educação das crianças, a questão da saúde pública, o SUS, né, então a gente procura aqui também fazer esse tipo de orientação, que muitos deles desconhecem como funciona, e claro, por razão mesmo, de não serem daqui. Então a gente tem procurado fornecer as informações, fizemos um guia do imigrante em várias línguas para eles poderem ter o mínimo de acesso e conhecimento. As aulas de português têm sido muito boas, tem tido uma adesão enorme, tivemos uma turma no passado, hoje mais uma com 40, estão querendo mais uma agora no segundo semestre, então a gente tem estimulado isso também.

Entrevistador

- E de que países são os imigrantes?

A5

- São dos mais variados, tem da América Latina, Oriente Médio, Europa, né, então são vários, Ásia um pouco, África, então são vários, né? Até fruto desse fluxo migratório mundial que a gente tem vivido ultimamente tendo em vista as crises que a gente... eu falo que nós estamos vivendo uma guerra e ninguém está vendo, tem muita gente morrendo por conta desse fluxo e dessa desglobalização e a nacionalização de muitos países. Onde você quando assume esse tal 'nacionalismo' e aí acaba rondando,

a globalização até então por nós sempre foi criticada, né, enquanto, né, socialistas, comunistas, mas ao mesmo tempo hoje eu penso que a desglobalização tem tido um efeito muito mais cruel junto às pessoas do que a gente imagina.

Entrevistador

- Certo, isso é um elemento interessante também. E vinculando-se ao orçamento participativo especificamente, o apelido tem esse desenho bem claro que a gente conversou que é as divisões regionais e as subregionais e as temáticas e tudo. Você acha que esse desenho influencia como se dá os resultados do processo?

A5

- Eu não sei se ele influência, mas eu acho que ele é o mais justo, tá? Não dá para eu falar se ele está influenciando nas decisões, mas eu acho que é o recorte e a organização mais justa dado o território, as divisões, as organizações que estão dadas.

Entrevistador

- Certo. E no caso, teve um elemento importante... eu sei que você chegou em Araraquara só em 2017, mas claro, você está acompanhando todo esse cenário político, você tem participado já ativamente na questão da segurança alimentar há 20 anos você comentou, né? - É, mais de 20. - Mais de 20 anos. E tem uma questão importante que é, por exemplo, você tratou da institucionalização, dos conselhos e como que aqui estava forte isso, vinculado à segurança alimentar, mas, claro, vinculado à participação social aqui em Araraquara especificamente, mas tem um fator que o OP ele não é uma política pública nacional, se eu posso falar assim, porque ele nunca foi institucionalizado no governo federal, nunca foi institucionalizado como lei. Então aqui em Araraquara ele passou por uma instabilidade também, teve a primeira gestão do Edinho com o OP, né?

A5

- Primeiro e segundo, né?

Entrevistador

- Isso, aí teve a primeira, daí entrou o Barbieri e parou com o orçamento participativo.

A5

- Não, continuou, mas não nos modos...

Entrevistador

- É, não nos modos antigos.

A5

- E nem com aquela centralidade, né? - **Isso.** - Então tem essa quebra, essa diferença.

Entrevistador

- E aí volta com o Edinho voltando para o formato antigo, né? - **Isso, isso.** - Então eu queria a tua opinião assim, qual que é a influência que essa instabilidade pode ter... e, claro, teve a pandemia também, né, que também deu uma quebrada. - **Sim.** - Como que a instabilidade influencia o OP, não só o OP, mas a participação social como um todo aqui?

A5

- É, é como você falou, eu acho que primeiro essas mudanças de governo, isso acaba por mais que você transforme em lei como é hoje, e foi no período que o PT não estava no governo. Mas cada governo vai dar o seu peso e a sua medida para essa política pública, né? Agora o que eu acho que é importante, que avançou e que ajuda muito, é o que o Edinho fala, que a gente fazer com que se transforme realmente numa cultura das pessoas exigirem, e elas exigem hoje, o OP enquanto política pública. Então isso eu acho que é uma mudança social aqui na cidade importante, que faz a diferença frente a outras cidades, a outros... Então eu acho que isso é um avanço. Você perguntou o que mais?

Entrevistador

- É sobre essa questão da instabilidade, né? Qual que é...

A5

- Ah, e a questão da pandemia, claro. Mudou. Eu acho que isso não só aqui, mas no mundo todo. Mas aqui a gente fez uma opção, né? Por salvar vidas. Então a gente... ficou muito claro, nós queremos salvar a vida ao invés de empilhar caixões. Então nós optamos em parar tudo, investir 100% na pandemia. Foram mais de R\$ 122 milhões em 2020 e 2021, para combater a COVID-19, e Araraquara se transforma numa referência também, né? Puxado por duas frentes, claro, a prioridade é a saúde, em paralelo também o apoio social e alimentar, assistência alimentar para essas famílias.

Entrevistador

- E como foi isso aqui nesse período?

A5

- Então, aí a gente não teve, né? Nós suspendemos o OP, a realização das plenárias durante esses dois anos e retomamos em 2022.

Entrevistador

- E aí a secretaria aqui ficou mais voltada justamente à questão da segurança [alimentar], da assistência social?

A5

- Isso, todos nós convergimos nossas ações, nossos recursos e nossos servidores que ficaram trabalhando para combater a pandemia e salvar vidas, porque você vai vendo assim, que tem grupos que vão se, de algum modo, vão sendo, por conta da pandemia, eles eram tirados da frente da sociedade, do trabalho, né? E na coisa pública aconteceu a mesma coisa. Então, ficaram poucas pessoas para... O tempo todo aí a gente fazendo de domingo a domingo, né? Correndo, enfrentando, levando cestas básicas, alimentos para as famílias, para as pessoas positivadas? Não podiam também sair de casa, com máscara.

Entrevistador

- Certo, foi um período bem complicado mesmo.

A5

- Muito, muito. Fizemos lockdown, né? Diferente de outros lugares. Então, lockdown, a gente só que circulava pela cidade. Com outras instâncias aí, governamentais.

Entrevistador

- E aí, voltando para o papel do orçamento participativo dentro da estrutura da prefeitura, como você, digamos, tá na... é o principal gestor dentro da secretaria na qual faz parte o OP. Como que ele se conecta com outros processos de planejamento aqui na cidade?

A5

- Você fala da política pública? - **Isso.** - É, a gente tem... tudo que é OP, ele já vai para dentro do governo com um olhar de prioridade, né? Então, ele vai lá em meio às outras obras, aos outros projetos, já vai ali como pré-determinado, como prioridade. Isso é OP, isso não é OP. Nós temos aí esse monitoramento e acompanhamento do que é e o que não é, né?

Entrevistador

- E como que ele se vincula com os conselhos municipais? - **O quê?** - O OP. Tem o COP, né? - **Isso.** - E ele também se articula com os outros conselhos?

A5

- Sim. Quando é temático, né? E tudo mais. Mas a casa dos conselhos que fica lá dentro da participação popular tem uma dinâmica de atuar e fomentar a realização das reuniões ordinárias e tudo mais, dessas 38 políticas públicas. Acho que são 38 conselhos que a gente tem, é bastante. - **38 conselhos é bastante,** é. - Então, eles se atuam, cada qual com a sua dinâmica própria, né? Tendo uma forma de se organizar, mas tendo um olhar genérico aí da casa dos conselhos.

Entrevistador

- E o... Você tem alguma participação no COP?

A5

- Sim, então, a gente procura estar sempre. Quando eu peço para que a A1 justifique minha ausência, que é a coordenadora, mas é importante a gente estar sempre lá, porque é ali onde... é o grande conselho que eu falo, é o conselho dos conselhos. Então ele é o conselho da cidade, por que da cidade? Porque ele tem a representatividade de todas as regiões, dos recortes, das temáticas.

Entrevistador

- E qual é a tua percepção sobre o COP, assim, sobre a qualidade da participação nele?

A5

- Então, olha, ele varia muito, né? A gente oscila bastante. Você tem gente que está conhecendo a participação popular e a metodologia, o trabalho. Agora você tem gente que já está tarimbado, já sabe, já conhece, e que vai dando um pouco esse equilíbrio na dinâmica do COP.

Entrevistador

- E... Você acha que ele é eficaz, assim, qual a tua opinião geral sobre o COP?

A5

- Eu acho que ele funciona... ele poderia ser mais, né? Então nós precisamos... Tanto é que nessa proposta aí de balanço e de novas diretrizes, a gente tem procurado olhar no COP como foco formativo permanente e que [tenha] um protagonismo maior junto às ações, né?

Entrevistador

- Perfeito. Um elemento que para mim é relevante é como se dá, por exemplo, os possíveis conflitos ou tensões com outras partes do poder local, como por exemplo, câmara de vereadores, ou grandes agentes privados aqui de Araraquara. Você vê isso acontecendo em relação ao orçamento participativo, ou em relação à participação popular?

A5

- Olha, é muito difícil, viu? Muito difícil. E quando se opõe, se opõe por questões pessoais ou interesses pessoais, né? Então, não olhando para a coletividade. Então, aí quando vê que a participação popular, o orçamento participativo, ele atende esses anseios da população, aí às vezes as pessoas recuam, entendem, e assim por diante. Mas agora, vereadores, você tem aqueles... grande maioria que adere e que entende e valoriza. E um número muito insignificante daqueles que não querem nada com nada, mas aí já é uma questão muito mais pessoal do que...

Entrevistador

- Sim. Existe uma aceitação da câmara em relação ao OP, assim, no geral?

A5

- Sim.

Entrevistador

- Certo. Bem, agora eu tenho meio que uma última pergunta que eu acho que ela é bem relevante para mim. Você acha que o... acredita que o orçamento participativo, não necessariamente só o de Araraquara, mas enquanto instrumento, enquanto uma ferramenta, política pública, ela tem como objetivo a justiça territorial?

A5

- Olha, eu acho que sim, com certeza. Eu penso que deveria ser uma prática comum nos municípios. Eu acho que assim, como você falou, não tem uma institucionalidade nacional, federal, mas você poderia ter um compromisso federativo de realizar nos municípios, porque é como Dom Mauro falava, é no território que as pessoas têm rosto, nome e endereço. Então é lá que você olha para o Fulano e vê quem é o Fulano, onde ele mora, o que ele faz, o que ele precisa, né? Na cidade. O Estado fica... é um ente que fica solto ali. E a Federação... o governo federal mais ainda, né? Que só estabelece grandes diretrizes, os repasses, isso e aquilo, define algumas questões. Então eu acho que valorizar o município enquanto território, que enquanto política pública merece ser mudada e transformada à luz daquilo que é desejo e anseio para que haja uma justiça social, eu acho que é fundamental, né? Mas caso contrário, acaba se tornando também na mão de muitos oportunistas governantes massa de manobras as pessoas, e às vezes até o território como fatia ou pedaço de barganha entre uma questão ou outra. Que é aquilo que a gente não entende como política pública e nem algo justo para a sociedade. Então eu penso que de fato ajuda sim e é importante.

Entrevistador

- E achas que em Araraquara esse objetivo está sendo atingido?

A5

- Se não está atingido, ele é construído e busca se efetivar, né? Então eu acho que tem um caminho aí, sendo percorrido, que atenda essa frente, essa demanda.

Entrevistador

- E uma coisa que eu vi, especialmente na primeira, na conferência de abertura, que o Edinho falou sobre uma inversão da lógica do poder e, enfim, você acha que está havendo uma modificação das relações de poder aqui em Araraquara?

A5

- Então, não é assim que está havendo, né? Eu acho que é uma inversão da lógica. Tanto é que a gente, no processo eleitoral, enxerga muito bem isso. Quem são as frentes que defendem a democracia e a participação social e popular e o projeto que é antagônico, que é totalmente oposto àquilo que se defende com isso. Então isso é muito claro. E o processo eleitoral mostra isso, né? Que inclusive é a polarização que tem dado, que está dada no nível nacional e que nos municípios também vão acontecer. Então, como que a gente faz? Rompe, né? Por meio desse processo de participação, no processo democrático. A gente não pode, em momento algum, abrir mão da democracia, que ela é fundamental para que a participação popular aconteça de fato. Por mais que as pessoas não queiram ou entendam, mas ela precisa ser respeitada, né? É o mínimo de referência para o povo avançar e crescer sempre.

Entrevistador

- E qual é o papel do Edinho? A vontade política dele de tocar esse processo e defender a participação popular?

A5

- É que as pessoas façam adesão o quanto mais, o máximo possível a esse processo, e entendam ele. Entender, às vezes, não é tão simples e nem tão fácil. Por isso que eu acho que a gente trazer um processo formativo permanente ajuda também, não só para as frentes da participação popular do OP, mas também dos conselhos municipais. E as pessoas nem sempre têm o mínimo referencial. Elas têm vontade, têm desejo, isso é bacana, que já é meio caminho andado, mas depois precisa ter um processo formativo eficiente que faz com que elas tenham clareza e objetividade do papel que eles cumprem enquanto agentes sociais, no conselho, no OP e assim por diante.

Entrevistador

- Excelente. A5, eu teria todo um bloco de perguntas sobre Araraquara, enquanto a urbanização de Araraquara e tudo, mas assim, acho que também considerando o tempo, já são 40 minutos, e acho que dá para, eu não faço questão, não acho que é necessário. Então, por mim, a gente pode finalizar. Eu só gostaria de saber se tem algum comentário, alguma coisa que você queria trazer, que talvez tenha faltado, algo que você acha relevante trazer para entrevista.

A5

- Não, eu acho que você abordou bem assim, as questões que focam nessa política pública. Acho que no mais é agradecer mesmo o pedido da entrevista e parabenizar pela opção de optar, se debruçar sobre essa temática, não só aqui, mas em outros lugares. Tenho certeza que o resultado vai poder ajudar muito no aperfeiçoamento dessa política pública, que precisa estar cada vez mais presente nos municípios. Agora como eu já não sei [risos], que é difícil, se você não tem um gestor, um governante com vontade política, aí fica difícil. Não temos nenhum outro instrumento para forçar, pedir, implorar para que se tenha implementado nos municípios. Então acho que isso é o que eu gostaria de falar.

Entrevistador

- Piracicaba tem orçamento participativo também, não?

A5

- Então, eu estou a muito tempo fora de lá, né? Teve, não teve, foi um dos berços do OP em 1989. Tem inclusive o Isaque que foi o grande referencial do OP lá, né? Que foi também o primeiro vereador do PT lá, eleito. Então é uma pessoa que tem uma história muito firme nessa área. Hoje a extrema direita que tá no governo, é um comendador. Então é difícil, não acredito naquilo como OP, só se...

Entrevistador

- É, não sei se ele está ativo agora, eu sei que na história Piracicaba é um OP...

A5

- Sim, é uma referência.

Entrevistador

- É, é uma referência. Eu acho que ainda chamam de OP, mas o...

A5

- Mas aí está desvirtuado. A participação social lá é muito difícil, sabe? A cidade se elitizou demais, infelizmente. Vieram grandes empresas. - **Interessante.** - Aí assim, infelizmente nós não conseguimos dar continuidade ao trabalho de base, né? Hoje lá o pentecostalismo tem atingido muito a vida das pessoas e isso tem desvirtuado muito a vida delas.

Entrevistador

- Aí, curiosidade, eu costumo perguntar isso para o pessoal... porque eu tenho dois tipos de entrevistas. Eu faço a entrevista com os chamados "agentes-bem informados", que é seu caso, [alguém] diretamente envolvido com o executivo, e [um roteiro de] entrevista com o citado, com o cidadão, líder comunitário, que as vezes é alguém mais do movimento popular, que nem eu fiz entrevista com gente do COP. E uma das perguntas que eu faço é sobre a atuação das igrejas. Se ela está crescendo aqui, se por exemplo se envolve com o OP ou aparece nas instâncias de participação popular. Isso acontece aqui?

A5

- Quais? As igrejas de um modo geral? As religiões?

Entrevistador

- Ou dividido. Por exemplo, se existe ainda o movimento de base da igreja católica, ou se a neopentecostal...

A5

- O neopentecostalismo hoje assumiu um protagonismo enorme junto à sociedade, tanto de... nas mais diversas dimensões. Só que assim, com outra roupagem e com outro viés. Você trabalha hoje uma teologia da prosperidade, você não tem mais hoje a teologia da libertação, que era o nosso grande referencial. Que é libertador e transformador na vida das pessoas. E você tem a teologia hoje da coerção, do medo e tudo mais. Que é um deus punidor, fica difícil. Mas eles existem, estão lá dando assistência alimentar, estão lá dando a cesta básica, então não podemos negar, né? Que eles assumiram o lugar que onde nós não temos mais lugar, porque nós deixamos passar isso, e nós vivemos num mundo contemporâneo onde o deus que se busca é esse deus individual, capitalista, da prosperidade, do dinheiro, da ganância e do prazer. Então [risos] não é mais aquele deus sofredor, que ajudou a revolucionar e tudo mais, né? Então você tem uma divergência enorme.

Entrevistador

- Certo...

A5

- Mas esse pessoal tem um protagonismo enorme na sociedade, nós não podemos descartar, a gente trabalha com eles o tempo todo. São pessoas e organizações que... isso eu fiz uma analogia muito pessoal minha teológica, né? Agora no campo da atuação a gente tem buscado e tem trabalhado com todo mundo, principalmente com os neopentecostais.

Entrevistador

- Certo. A5, eu quero agradecer a você pela disponibilidade, por ter aceitado conversar comigo. Agradecer também em nome da UNESP de Presidente Prudente, da qual eu sou aluno e estou construindo minha pesquisa lá. Vou reiterar o caráter científico da pesquisa e deixar claro que você não vai ser identificado em nenhum momento, porque é padrão, eu vou citar as entrevistas, vou usar excertos delas, mas não vou identificar os autores das falas. Bem, me coloco à disposição também, sempre no que precisar, depois que a tese for defendida eu mando uma cópia... - **Legal, legal.** - Vou deixar disponível, vou mandar para todos os meus entrevistados, enfim, também mostrar minhas análises e se puder contribuir com o orçamento participativo daqui seria uma honra para mim - **Claro.**
- E basicamente é isso.

A5

- Legal. Eu agradeço aí pela oportunidade da conversa e espero ter podido aí contribuir com o seu trabalho, seu estudo.

Fim da transcrição